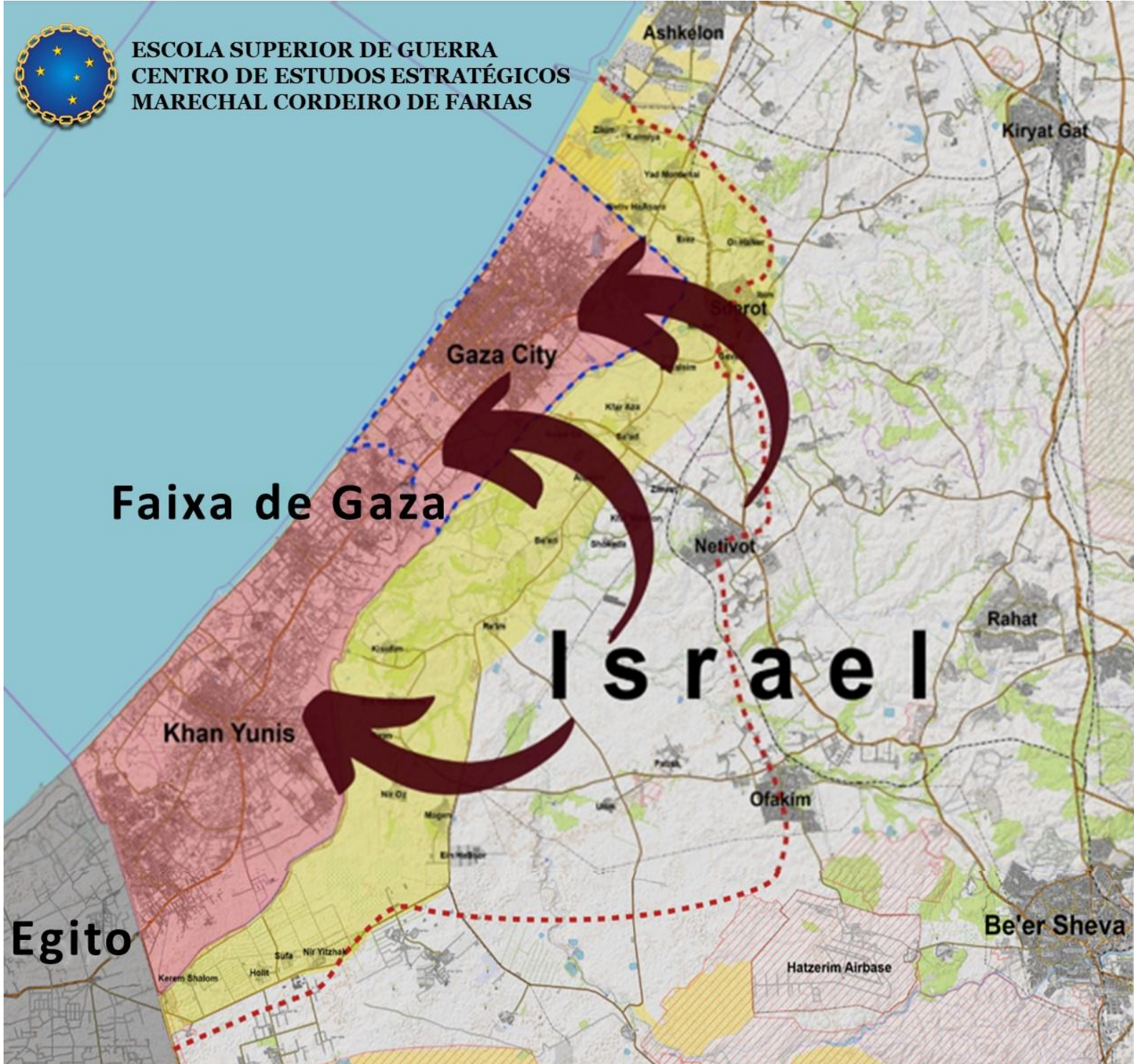




ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA
CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS
MARECHAL CORDEIRO DE FARIAS



**O CONFLITO ENTRE O ESTADO
DE ISRAEL E O GRUPO
MILITANTE PALESTINO HAMAS
DEFLAGRADO EM 7 DE
OUTUBRO DE 2023 – LIVRETO 02**

O DESENVOLVER DO CONFLITO ENTRE ISRAEL E O HAMAS.

1. INTRODUÇÃO

Pouco tempo se passou desde 7 de outubro de 2023, data que marcou o início dos ataques do Hamas ao território israelense, a partir da Faixa de Gaza. O desenrolar dessas ações provocou a imediata declaração de guerra de Israel contra o Hamas e já computa dados estarrecedores de mais de 4 mil mortos entre as partes (cerca de 2.800 palestinos e 1.400 israelenses). O número de feridos ultrapassa a cifra de 14 mil. Além disso, há cidadãos de diferentes nacionalidades mantidos em cativeiro pelo Hamas. Esse número já se aproxima de duas centenas, conforme a fonte declarante.

Israel, por sua vez, vem mobilizando efetivos das suas Forças de Defesa (*Israel Defense Forces* – IDF) e concentrando-os nos seus limites com a Faixa de Gaza (sul), nas suas fronteiras com o Líbano (norte) e na região da Cisjordânia (leste).

Em razão dos históricos conflitos árabe-israelenses na região e dos significativos números de baixas civis no atual embate, houve o deslocamento das atenções – seja dos órgãos de segurança internacionais, seja da mídia – da Guerra entre Ucrânia e Rússia para o confronto envolvendo israelenses e palestinos.

Como agravante da guerra iniciada em 7 de outubro, passados 10 dias, um artefato explosivo atingiu o hospital Ahli Arab, localizado na região setentrional da Faixa de Gaza, provocando, segundo algumas fontes, a morte de aproximadamente 500 pessoas que se encontravam em tratamento ou abrigadas no local. Essa ação, cuja autoria vem sendo atribuída às IDF pelo Hamas, e à Jihad Islâmica por Israel, acabou por emprestar ao confronto maior apelo midiático, servindo também como óbice às negociações entre as partes envolvidas, seus aliados e organismos internacionais, na busca de conter a violência no Oriente Médio.

Para o Estado brasileiro, em especial, o problema ganha notoriedade e relevância, posto que o país foi protagonista na Resolução nº 181/1947 da Organização das Nações Unidas (ONU), que previa a criação do Estado de Israel e o Estado Árabe da Palestina. Vale ressaltar que o Brasil exerce a presidência rotativa do Conselho de Segurança da ONU, possui boas relações tanto com o Estado de Israel e com a Autoridade Nacional Palestina (ANP) e não reconhece oficialmente o Hamas como um grupo terrorista.

No atual conflito, o Brasil, na qualidade de presidente desse Conselho das Nações Unidas, conseguiu construir uma resolução na ONU para o estabelecimento da paz e negociações, a

qual obteve 12 votos de aprovação e 2 abstenções. No entanto, os EUA, utilizando seu poder de veto, rejeitou a referida proposição.

Em 21 de outubro de 2023, foi realizada uma nova rodada da Cúpula de Paz no Cairo. Dentre outros participantes, destacaram-se: o Presidente da ANP, Mahmoud Abbas; o Ministro de Relações Exteriores da União Europeia, Joseph Burrell; a Ministra de Relações Exteriores da França, Catherine Colonnade e a Ministra de Relações Exteriores da Alemanha, Anneline Berbock. Além do Brasil, se fizeram representar nesse evento: EUA, Emirados Árabes Unidos, Jordânia, ONU, Arábia Saudita, Rússia, Marrocos e África do Sul. O evento objetivou o estabelecimento de um corredor humanitário para a Faixa de Gaza, diretrizes para as futuras negociações de paz, além de um imediato cessar-fogo (não obtido).

Cabe o destaque que a Cúpula de Paz no Cairo foi realizada, pela primeira vez, em 2021. Teve como motivação discutir e buscar soluções para o conflito entre Israel e Palestina, com a retomada das negociações entre as partes, bem como de promover a paz, a estabilidade e a segurança na região.

O presente trabalho tem como marco temporal os fatos posteriores ao ataque ocorrido em 7 de outubro de 2023. Em continuidade à publicação anterior, o texto contempla, além desta introdução e das considerações finais, breves análises das políticas e estratégias em confronto – explícitas e implícitas – à luz dos fatos e atores envolvidos no confronto. Também, questiona as possibilidades de invasão da Faixa de Gaza por Israel, segundo o modelo sintético de análise da impulsão estratégica preconizada por Beaufre.

Cumprido destacar que se trata de um trabalho acadêmico, embasado em fontes abertas e, portanto, não caracteriza o posicionamento do Estado brasileiro e de suas instituições.

2. AS POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS EM CONFRONTO

No que concerne às estratégias das grandes potências, que atuam no “tabuleiro” do presente conflito em curso, entende-se que podem ser caracterizadas segundo dois eixos orientadores. Como primeiro eixo a ser analisado, conforme já mencionado no primeiro artigo sobre esta crise¹, tem-se a disputa pela supremacia no comércio advindo do oriente, a antiga Rota da Seda. Como grandes protagonistas nesse cenário estão os EUA e a China. No caso estadunidense, o Corredor Econômico Índia-Médio Oriente-Europa coloca em cena a Arábia Saudita e Israel, países por onde essa rota passará em direção à Europa. Marca, também, a tentativa de sobrepujar a Nova Rota da Seda chinesa, que tem o Irã como um dos grandes beneficiados.

¹ “O conflito entre o Estado de Israel e o grupo militante palestino Hamas deflagrado em 7 de outubro de 2023”.

Fatos que corroboram a rivalidade sino-estadunidense no Oriente Médio, ponto central de ambas as rotas comerciais em tela, são as presenças de forças militares dessas potências na região. Desde o início dos embates entre o Hamas e Israel, os EUA deslocaram para o leste do Mar Mediterrâneo meios navais importantes, dentre eles os porta-aviões USS Gerald R. Ford e Dwight D. Eisenhower, bem como os modernos navios USS Mount Whitney e USS Carney.

Os chineses, por sua vez, reforçaram sua presença militar nos Golfos de Arden, de Oman e Pérsico com meios das suas Forças-Tarefa de Escolta 44 e 45, do Comando do Teatro de Operações Norte e Leste (*Popular Liberation Army's Northern and Eastern Commands*). Destacam-se na frota chinesa os contratorpedeiros Zibo e Urumqi, as fragatas Jingzhou e Linyi, bem como os navios de apoio logístico integrado Qiandaohu e Dongpinghu².

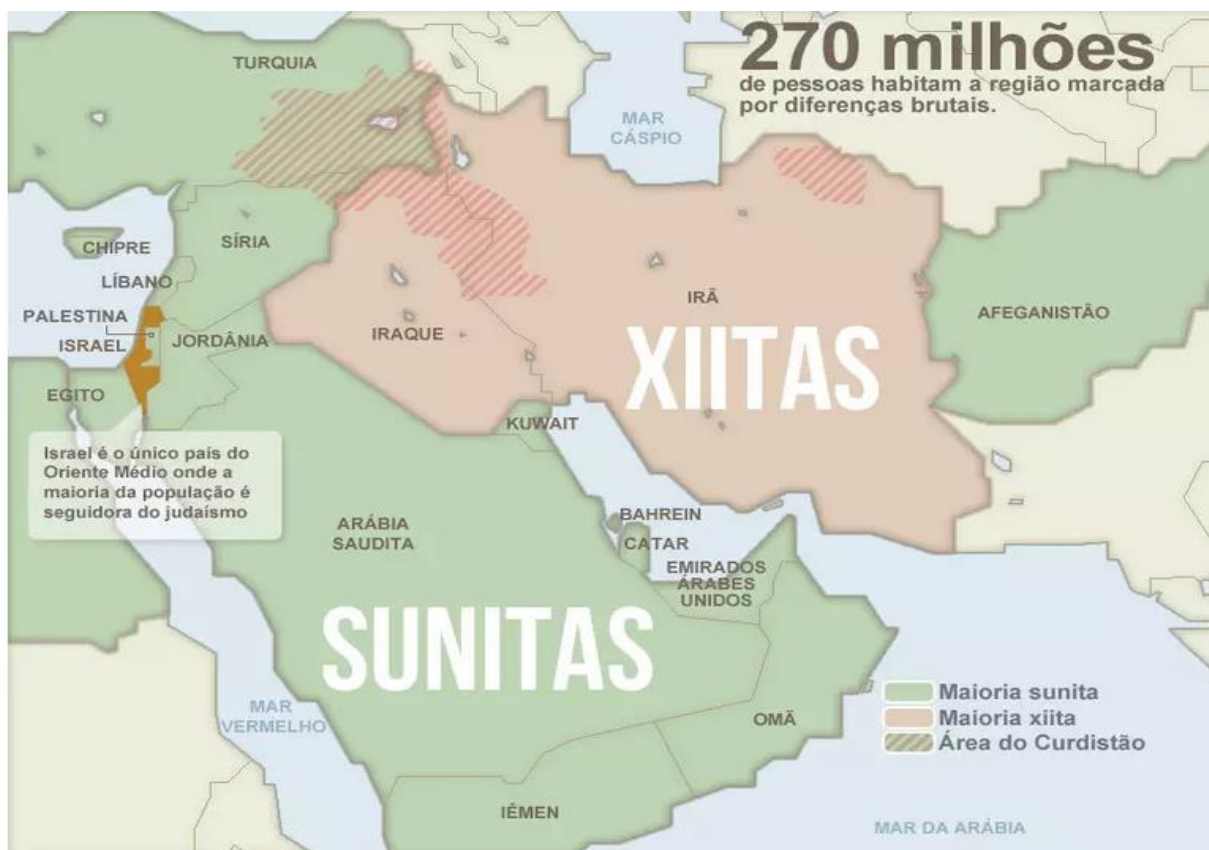
Não obstante a “luta” comercial pelos bônus a serem extraídos das rotas de transporte de mercadorias, outro ponto nevrálgico, mais sutil, também transfere impacto para o já aquecido embate. Trata-se do já consagrado conflito regional entre dois grupos muçulmanos que apresentam diferenças políticas entre xiitas e sunitas, que será utilizado como segundo eixo orientador.

A possibilidade de que, com a liderança dos EUA, reconhecido inimigo do Irã, participem do Corredor Econômico Índia-Médio Oriente-Europa o Estado Israel, também notório inimigo iraniano, além da Arábia Saudita, de orientação sunita, acabaria por produzir forte perda de poder regional por parte do Estado xiita do Irã. O conflito que se desenvolve entre Israel e o grupo Hamas, organização de ideologia religiosa islâmica sunita, acaba por trazer benefícios aos iranianos, pois coloca de lados opostos, em franco desgaste, dois opositores da teocracia iraniana.

Outro ponto que deve ser ressaltado, como segundo eixo da análise, diz respeito às estratégias “de poder” desenvolvidas pelos contendores e aliados no conflito entre Israel e Hamas. No que concerne ao Irã (xiita), com um provável enfraquecimento do Hamas, de viés sunita, devido à guerra de atrito com Israel, esse Estado encontraria maior liberdade de ação para, em conjunto com o grupo islâmico xiita Hezbollah, formar uma robusta frente de mesma orientação fundamentalista islâmica e exercer o domínio sobre a ANP e, dessa forma, consolidar uma supremacia xiita sobre a região. A Figura 1, a seguir, mostra como se dividem as correntes islâmicas na região do Oriente Médio.

² Detalhes do reforço das presenças militares estadunidense e chinesa no Oriente Médio em decorrência do conflito entre o Hamas e Israel constam em “Israel War: 6 Chinese Navy Warships Stationed In The Middle East Amid US Navy's Heavy Presence In The Region” – Disponível em: <https://www.eurasiantimes.com/israel-war-6-chinese-navy-warships-stationed-in-the-middle/> –, bem como em “China está transferindo navios de guerra para o Oriente Médio” – Disponível em: <https://areamilitarof.com/mundo-china-esta-transferindo-navios-de-guerra-para-o-orientes-medio/>.

Figura 1 – Correntes islâmicas no Oriente Médio.



Fonte: Correntes islâmicas no Oriente Médio³.

Quanto aos objetivos do Hamas, agente responsável pela guerra em questão e suas estratégias, entende-se que esse grupo, tirando proveito da crise interna israelense, tem a intenção de impor-se como protagonista da narrativa palestina, o que levaria a ANP ao ostracismo. Além disso, esse conflito, levado a termo pelo grupo islâmico, consiste em estratégia para paralisar os esforços para a normalização das relações entre Israel e a Arábia Saudita (sunita), que vinha sendo articulada sob a liderança dos EUA e que, caso vingasse, iria levar ao isolamento tanto esse grupo quanto o Irã.

No que concerne ao Estado israelense, em primeiro plano, existe a necessidade de sobrevivência nacional. Como baluarte de poder do ocidente em área eminentemente islâmica, Israel torna-se alvo de grande parte dos povos estabelecidos em zonas lindeiras. O possível avanço das tropas israelenses em Gaza tem pressionado a população palestina, fato que aumenta sua concentração no setor sul da faixa e amplia o desgaste do Egito no sentido de abrir um corredor humanitário para o interior de seu território.

A continuidade da campanha aérea contra Gaza indica que ainda existem alvos selecionados da infraestrutura palestina a serem destruídos por Israel, o que justificaria, em

³ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/oriente-medio/iraque-parlamento-inicia-sessao-para-formar-novogoverno,c9fff8581a0f6410VgnCLD200000b1bf46d0RCRD.html>.

parte, o retardo do início a ação terrestre contra o território palestino. Esse lapso de tempo que antecedeu as ações militares coloca em xeque o Hamas, por não ter capacidade militar para reverter a situação e favorece a condição política da ANP, liderada por Abbas, nas disputas com o Hamas.

Os EUA, por sua vez, pelas medidas adotadas, demonstram que, avaliam a existência de riscos elevados de o conflito escalar e se expandir para toda região, causando prejuízos nefastos à economia internacional como um todo.

3. A INVASÃO DA FAIXA DE GAZA POR ISRAEL

A invasão da Faixa de Gaza por Israel vem sendo esperada para qualquer momento e possui alto grau de previsibilidade pela maior parte dos analistas da crise. Isso se justifica pela conhecida doutrina israelense de resposta “imediate, violenta e desproporcional” aos ataques sofridos.

Por outro lado, a teoria da dependência da trajetória⁴ também aponta para tal cenário, uma vez que, desde a primeira reação armada árabe à criação do Estado de Israel, as dimensões territoriais israelenses aumentaram a cada confronto, conforme se vê na Figura 2.

Mas, por que Israel ainda não invadiu a Faixa de Gaza? Será que realmente irá invadi-la e anexá-la ao seu território?

As respostas a essas perguntas não merecem, por parte da ciência, uma resposta intuitiva. E, para isso, este trabalho se apoiará na fórmula de aplicação de estratégias elaborada pelo general e estrategista francês André Beaufre (1902-1975) - mesmo que essa não seja a única sintetização da aplicação das estratégias, Beaufre se presta bem a este estudo, pela relevância que aplica à liberdade de ação do ator analisado.

Para Beaufre, a impulsão estratégica de um ator decorre do produto da liberdade de ação (opinião pública interna, externa e posicionamento dos demais Estados), das forças materiais (economia, forças armadas, tecnologia etc.), das forças morais (vontade nacional, política nacional etc.) e do tempo disponível para alcançar os resultados ou momento propício para desencadear a ação.

⁴ Detalhes sobre a *Path Dependence Theory* podem ser obtidos em: MAHONEY, J. Path dependence in historical sociology. *Theory and Society*, New York, v. 29, n. 4, 2000, p. 507-548; GREENER, I. The Potential of Path Dependence in Political Studies. *Politics*, Newcastle, v. 25, 2005; e GAINS, F.; JOHN, P. C.; STOKER, G. Path dependency and the reform of English local government. *Public Administration*, New Jersey, v. 83, n. 1, p. 25-45, 2005.

Figura 2 – Evolução histórica dos territórios na zona do conflito.



Fonte: Giz_br – Brainly/Reprodução. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/guerra-em-israel-este-mapa-mostra-evolucao-dos-conflitos-no-orientes-medio/>.

Em resumo o resultado da Fórmula de Beaufre “ $E = K \times F \times Y \times T$ ”, onde “E” = impulso estratégico, “K” = liberdade de ação, “F” = forças materiais, “Y” = forças morais e “T” = tempo disponível]⁵.

Todavia, antes de aplicar as metodologias supracitadas, algumas considerações merecem ser destacadas. Inicialmente, em termos políticos, no plano externo, enfatiza-se que grandes potências, dentre elas os EUA, principal aliado de Israel, já se mostram contrárias à invasão. Por outro lado, no plano interno, a união dos partidos políticos israelenses, decorrente das ações violentas do Hamas, fortaleceram o Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu.

Em termos psicossociais, vale aqui recordar que, segundo estimativas recentes, a população judaica mundial é de 13 milhões de pessoas, 41% dos quais vivendo efetivamente

⁵ MINGON, Eduardo X, Ferreira A Inserção dos Assuntos de Defesa na Agenda das Políticas Públicas. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em Ciências Militares). Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2011, 233 f.

em Israel, desfrutando de um índice de desenvolvimento humano muito elevado, como já foi dito na publicação anterior a esta⁶. Os 49% restantes, cerca de 6 milhões vivem nos EUA⁷.

Por outro lado, a população dita palestina, em termos mundiais, totaliza cerca de 14,3 milhões pessoas, sendo que 5,4 milhões delas vivem na Cisjordânia e na Faixa de Gaza⁸. Especificamente em Gaza, residem aproximadamente 2 milhões de palestinos⁹, sendo 99% muçulmanos, a maioria de orientação sunita. Metade dessa população é registrada como refugiada por agências da ONU, sendo que uma parcela deles refugiados vive há gerações no local e são descendentes de palestinos expulsos do território que atualmente compõe o Estado de Israel.

Além disso, a densidade demográfica da Faixa de Gaza é de aproximadamente 5.479 habitantes/km², semelhante à encontrada na cidade do Rio de Janeiro¹⁰.

Expostos os argumentos supracitados, pode-se inferir que uma suposta invasão da Faixa de Gaza por tropas israelenses, provavelmente, provocará grande número de baixas entre civis e combatentes, pois se desenvolverá em um terreno populoso e de indiscutível favorecimento ao grupo que atualmente detém o poder local – o Hamas.

Outro aspecto a considerar refere-se ao ativismo embasado no Direito Internacional Humanitário (DIH). Tal movimento tem expressado preocupação com relação ao confronto e condenado as ações de Israel em Gaza ao longo dos anos. Alguns ativistas do DIH alegam, em algumas instâncias, que Israel tem violado, no presente episódio, as leis internacionais que regem o tratamento de civis em conflitos armados, incluindo os princípios da proporcionalidade e da proteção de civis. Argumentam que o uso de força militar em áreas densamente povoadas, como Gaza, pode resultar em um grande número de vítimas civis e danificar infraestruturas essenciais, o que contraria as leis do DIH.

⁶ Ver Livroto 01: “O conflito entre o Estado de Israel e o grupo militante palestino Hamas deflagrado em 7 de outubro de 2023”.

⁷ Dados disponíveis em: Entre Nações: Judeus do mundo. Disponível em: <https://embassies.gov.il/brasil/AboutIsrael/AmongtheNations/Pages/ENTRE-NACOES-Judeus.aspx#:~:text=Segundo%20estimativas%20recentes%2C%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o,di%C3%A1logo%20cont%C3%ADnuo%20sobre%20assuntos%20diversificados>.

⁸ Conforme consta em; População palestina totaliza cerca de 14,3 milhões no mundo. Disponível em: [https://www.prensalatina.com.br/2022/12/29/populacao-palestina-totaliza-cerca-de-143-milhoes-no-mundo/#:~:text=Ramallah%2C%2029%20dez%20\(Prensa%20Latina,Central%20de%20Estat%C3%ADsticas%20\(PCBS\)\)](https://www.prensalatina.com.br/2022/12/29/populacao-palestina-totaliza-cerca-de-143-milhoes-no-mundo/#:~:text=Ramallah%2C%2029%20dez%20(Prensa%20Latina,Central%20de%20Estat%C3%ADsticas%20(PCBS))).

⁹ Dados coletados em “Entenda o que é a Faixa de Gaza, lar de 2 milhões de palestinos”. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/entenda-o-que-e-a-faixa-de-gaza-lar-de-2-milhoes-de-palestinos>.

¹⁰ Idem, levando-se em consideração informações obtidas em IBGE/ 2022 (população da cidade do Rio de Janeiro). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/rio-de-janeiro.html>. Acesso em: 18 out. 2023.

Como contraponto, Israel respalda suas ações como medidas de “legítima defesa” contra grupos militantes em Gaza, como é o caso do Hamas. Afirma que seus ataques são direcionados contra alvos militares e que os grupos armados palestinos, muitas vezes, se valem da população civil como escudo.

O bloqueio realizado pelas IDF ao território de Gaza, que se intensificou após os ataques efetivados pelo Hamas em 7 de outubro de 2023, e o fechamento pelo Egito da passagem de Rafah, na fronteira entre Gaza e o Egito –o único ponto de entrada ou saída para a Faixa de Gaza não controlado por Israel – gerou uma grave crise humanitária.

Assim sendo, o conflito passou a implicar significativamente na segurança regional e internacional. A falta de acesso a alimentos, água potável, infraestruturas básicas e serviços de saúde, o bloqueio a Gaza leva hospitais da região ao colapso e o consequente aumento do número de mortos. Isso contribui para uma escalada da instabilidade na região, com protestos internacionais ganhando expressividade e criando uma possibilidade não desprezível de o conflito provocar o envolvimento de outros atores estatais e não estatais (Irã, Hezbollah, por exemplo).

Como consequência da escalada do conflito, a crise humanitária em Gaza poderá provocar um fluxo de migrações indesejáveis aos países de seu entorno e, em especial, aos membros da UE. Além disso, a situação pode ser explorada por grupos extremistas interessados em recrutar novos membros e aumentar sua influência na região.

Esse cadinho de problemas psicossociais complexos, portanto, provavelmente, forçará a comunidade internacional a deliberar coletivamente pela procura de soluções para a crise humanitária, a fim de evitar a exacerbação do cenário vivido e, com isso, garantir a estabilidade regional e internacional.

Em termos econômicos, Israel possui um produto interno bruto (PIB) que, no continente asiático, só é superado por 7 países, numa lista de 47: China, Japão, Índia, Coreia do Sul, Indonésia, Arábia Saudita e Taiwan. Note-se, que em termos de Oriente Médio, apenas a Arábia Saudita suplanta economicamente Israel. Se comparada à ANP, a proporção é de 522 para 19 bilhões de dólares (EUA).

Sob ótica militar, as IDF dispõem de meios militares significativos para a invasão e, mais do que isso, convocou um número expressivo de reservistas para mobilizar suas unidades (da ordem de 300 mil)¹¹. Além disso, o apoio material recebido dos EUA potencializa, sobremaneira, este fator.

¹¹ Como se lê em Israel convoca 300 mil reservistas para guerra após ataque do Hamas. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/israel-convoca-300-mil-reservistas-para-guerra-apos-ataque-do-hamas/>.

Em relação ao desenvolvimento científico-tecnológico, Israel transformou-se, ao longo dos anos, numa potência tecnológica global, especialmente pelo fato de: possuir uma população multicultural altamente educada com espírito de construir; de contar com investimento público e da iniciativa privada; e, talvez o mais importante, dispor de um exército altamente capacitado e tecnológico¹².

Uma vez expostas as considerações acima, didaticamente listadas segundo as expressões do poder nacional¹³, nota-se que estão em jogo muitos fatores no contexto situacional do conflito. Com base em tais fatores, julga-se, a partir deles, ser possível passar à aplicação da Fórmula de Beaufre ($E = K \times F \times Y \times T$) e avaliar a decisão israelense de invadir ou não a Faixa de Gaza.

Passando aos fatores do produto, sendo “F” (forças materiais) claro está que, em termos de economia regional, Israel dispõe de meios suficientes para a empreitada.

Seguindo para o fator “Y” (forças morais), a vontade de lutar do povo de Israel é incontestável. A capacidade israelense de mobilizar cidadãos em todo o mundo para a defesa do território já se evidenciou ao longo das mais de sete décadas decorridas desde a criação do Estado de Israel. Ademais, a comoção nacional desencadeada pelas ações violentas do Hamas em 7 de outubro de 2023, em pleno dia sagrado para os judeus – o *Shabba*¹⁴ – e de celebração dos 50 anos da Guerra do Yom Kippur ensejou a mobilização inédita de 360 mil homens e mulheres israelenses num curtíssimo prazo¹⁵.

Cabe ainda salientar que, tal como foi registrado na publicação anterior a esta¹⁶, a ação do Hamas propiciou a união dos partidos políticos israelenses em prol do Primeiro Ministro Benjamin Netanyahu. Crê-se que a vontade política interna em defender Israel favorece, sobremaneira, o fator “Y”.

¹² Para maiores detalhes, ver: "Chutzpá", o motor do desenvolvimento israelense. Disponível em: <https://exame.com/negocios/artigo-chutzpa-o-motor-do-desenvolvimento-israelense/>.

¹³ Como consta em “Fundamentos do Poder Nacional”: Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2018.

¹⁴ Segundo se lê na Bíblia, o shabbat (sábado) é considerado o “dia do descanso”. Na tradição judaica, deve ser dedicado exclusivamente ao equilíbrio e à harmonia das famílias com Deus, num momento em que todas as obrigações profissionais e financeiras devem ser evitadas.

¹⁵ Para maiores detalhes, ver: Soldados mulheres, dois anos de formação, reservistas no exterior: entenda o serviço militar em Israel, que está recrutando até quem mora no Brasil. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/10/11/soldados-mulheres-dois-anos-de-formacao-reservistas-no-externo-entenda-o-servico-militar-em-israel-que-esta-recrutando-ate-quem-mora-no-brasil.ghtml>

¹⁶ Conforme consta no Livreto 01 “O conflito entre o Estado de Israel e o grupo militante palestino Hamas deflagrado em 7 de outubro de 2023”.

Em termos do fator tempo “T”, vê-se que a celeridade da ação seria favorável a Israel, posto que, na medida em que o tempo passa, a crise humanitária em Gaza ganha mais foco na mídia internacional. De forma semelhante, o ativismo do DIH angaria adeptos e, também, logra espaço midiático. Com isso, o apoio político interno e externo à causa israelense, com o avançar dos dias, perde força.

Adita-se ao fator tempo as possibilidades de que ações intervenientes e factoides sejam inseridas no contexto da crise. Tome-se como exemplo o já citado ataque ao hospital em Gaza, que tende a ser desfavorável ao prestígio israelense junto à opinião pública nacional e internacional e favorável ao Hamas – e vice-versa.

Finalmente, resta analisar o fator “K” – liberdade de ação. De posse das circunstâncias apresentadas e das análises decorrentes, vê-se que Israel se encontra, na medida em que o tempo passa, mais limitado para investir contra Gaza por alguns aspectos específicos – a crise humanitária, o ativismo do DIH, a opinião pública interna e externa, por exemplo –, que se apresentam pouco favoráveis à investida de Israel em Gaza.

Dessa maneira, é possível admitir que a opção invadir a Faixa de Gaza se ressentir da devida “liberdade de ação” (fator “K”). E, mais do que isso, com o prolongamento da crise, o fator tempo (“T”) tende a minar a imagem israelense, impondo empecilhos cada vez mais robustos à invasão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi abordado neste trabalho, nota-se que existe um claro dilema nas questões que envolvem um Estado devidamente organizado, por isso sujeito aos postulados do DIH, diante de um grupo que emprega técnicas, táticas e procedimentos de viés terrorista, que em nada se enquadra em tais preceitos normativos.

Surge, daí um grande desafio para Israel, qual seja, agir decisivamente contra o Hamas, sem, contudo, replicar as ações de cunho terrorista que o vitimou. Procedendo de forma semelhante ao Hamas, Israel acabaria por sepultar os valores civilizacionais que ele próprio defende.

Observou-se, também, nesta crise um paradoxo religioso. O Irã, teocracia de orientação xiita, apoia o Hamas, movimento de viés sunita. Isso, provavelmente, se dá pela postura de ambos contra a existência do Estado de Israel. Dessa forma, nota-se a abertura de espaços para o crescimento do papel do Hezbollah (partido político libanês de orientação xiita) no contexto regional. Tal manobra, possivelmente, fortaleça o Hezbollah, criando-lhe condições favoráveis para expandir sua influência contra a laicidade da ANP, tudo isso em prol de um protagonismo da orientação religiosa xiita no Oriente Médio – antagônica a Israel.

Com relação ao caso do ataque ao hospital localizado em Gaza, ocorrido no dia 17 de outubro de 2023, as narrativas de ambas as partes quanto à responsabilidade do ato remetem à antiga e consagrada máxima de todas as guerras, de que “a primeira baixa fatal nos conflitos armados é a verdade!”

Por outro lado, o conflito entre Israel e o Hamas é de natureza tipicamente assimétrica, considerando o poder israelense e de seu principal aliado, os EUA. Todavia, a escalada desse conflito traz benefícios para alguns atores e malefícios para outros. Tomando-se em conta a disputa pelas rotas econômicas Nova Rota da Seda chinesa e Índia-Médio Oriente-Europa (estadunidense), a instabilidade no Oriente Médio não favorece os interesses dos EUA e de seus parceiros.

Para os europeus, em especial, a crise humanitária desencadeada pelo conflito tende a potencializar a migração palestina rumo ao Velho Mundo, deteriorando ainda mais a crise migratória já vivenciada pelos europeus. Também, a instabilidade na região pode suscitar colapsos na produção e no fluxo logístico de petróleo para o Ocidente, bem como provocar uma disparada nos preços dessa *commoditie* estratégica.

Ademais, o conflito Rússia-Ucrânia havia esmaecido a questão palestina no contexto midiático internacional. As ações desencadeadas pelo Hamas no dia 7 de outubro de 2023, nitidamente, ofuscaram a presença do conflito russo-ucraniano na mídia global e lançaram, novamente, holofotes sobre a causa palestina.

Finalmente, quanto à atuação da ONU e de seu Conselho de Segurança, observa-se que esses atores vêm agindo com celeridade e de conformidade com os preceitos convencionais pré-estabelecidos. Todavia, em que pesem seus esforços, ainda não foi obtido um consenso para o cessar-fogo, mas galgou-se o acesso da ajuda humanitária para a Faixa de Gaza, de forma a mitigar a atual crise humanitária.

Todavia, julga-se que as Nações Unidas devem persistir na tese da criação dos dois Estados – por mais utópico que isso possa parecer no momento –, conforme preconizado na Resolução nº 181/1947, de forma a fazer valer a sua institucionalidade e a preservar sua autoridade.